

Comunicações Espontâneas - Allan Kardec

Em nossa última reunião de estudos mediúnicos, após algumas evocações, resolvemos, com seriedade e confiança, e sentindo que era um momento propício, buscar algumas orientações, ainda que de maneira indireta, do Espírito de Allan Kardec, o codificador do Espiritismo. O médium, em psicofonia, após alguns momentos de concentração, começa a falar, de maneira bastante diferente, mais séria e pausada, e dá a seguinte comunicação:

Observo a divisão de grupos dentro da doutrina consoladora que me foi transmitida pelos Espíritos superiores, e que eles próprios me haviam avisado sobre todas essas incongruências e desvios que aconteceriam. Há, no entanto, grupos que buscam seguir os passos e a metodologia daquilo que eu próprio fiz, seguindo os conselhos que me eram oferecidos por tantos amigos dedicados. Sinto, porém, a resistência de muitos que ainda insistem nos misticismos, nos dogmas, na inversão de palavras e nas distorções dos conteúdos da base da doutrina.

Busco, junto aos meus, Espíritos Superiores que me acompanharam na jornada, enviar inspirações àqueles que se abrem para recebê-las, a fim de restaurar aquilo que foi deturpado após a minha ausência. Nosso grupo cresce, amparado pelas bênçãos de Deus Pai todo-poderoso. Nossa compreensão hoje é muito maior do que já foi, mas ainda não temos todas as respostas.

Gostaríamos que o verdadeiro Espiritismo, aquele que irá transformar a humanidade e trazer a época da Regeneração, seja difundido de maneira correta. O trabalho nessa tarefa será duro. As provas virão. Muitos sucumbirão. Mas o Espiritismo sempre estará vivo e sobreviverá aos golpes daqueles que continuam apegados às falsas crenças. Os desígnios de Deus são claros. As leis são claras, imutáveis.

Que aqueles que buscam por mim busquem além. Sou apenas mais um dentre tantos que propagam a verdade e desejam colocar nos corações aquilo que Jesus trouxe para nós há mais de 2000 anos. Que o Espiritismo seja para vocês a luz verdadeira e consoladora. Que continue progredindo, evoluindo,

modificando mentes e corações. Desejo a vocês que alcancem o sucesso nesse grande trabalho de reconstrução, mesmo que o tempo não lhes permita vislumbrar, em vida, as sementes que estão plantando.

Que Deus os abençoe.

Após o final da comunicação, fizemos, como de praxe, nossa análise, sendo essa em especial acompanhada de muita atenção. Não vimos, nela, nada que contrariasse o cunho de seriedade esperado, nem ideia alguma que fosse contrária ao Espiritismo, aos fatos históricos ou às ideias de Kardec. Se foi ele próprio, ou se foi um Espírito por ele designado, não sabemos, mas já ficamos plenamente felizes por vermos mais uma vez provada a afirmativa de que os Espíritos não deixam sem resposta ou acolhimento a aqueles que tenham seriedade e propósitos honestos na busca pelas comunicações.

Resolvemos, além de nossa análise, submeter ao NotebookLM, confrontando com toda a obra de Kardec. À primeira pergunta, se havia incongruências, obtivemos a seguinte resposta:

*Ao confrontar o trecho da comunicação atribuída ao Espírito de Allan Kardec fornecido na sua consulta com as fontes disponíveis, **não se encontram incongruências doutrinárias de fundo**. Pelo contrário, o teor da mensagem reflete preocupações centrais e princípios metodológicos que Allan Kardec defendeu vigorosamente durante sua vida, especialmente em seus últimos anos e nas obras fundamentais.*

Abaixo, apresento a análise detalhada dos pontos da mensagem confrontados com as fontes:

1. A Divisão de Grupos e os Avisos dos Espíritos

• **Mensagem:** “Observo a divisão de grupos... e que eles próprios [os Espíritos] me haviam avisado sobre todas essas incongruências e desvios...”

• **Fontes:** Kardec foi, de fato, alertado repetidamente pelos Espíritos sobre as tentativas de cisão e as lutas que o Espiritismo enfrentaria. O Espírito Erasto, por exemplo, advertiu explicitamente: “Não ignoro... que se empregará de tudo para semear a divisão entre vós; que se procurará armar-vos emboscadas... que vos oporão uns aos outros”. Kardec reconhecia que a formação de seitas e

sistemas divergentes era inevitável no início, movida pelo orgulho e pela ambição de certos indivíduos, mas que a unidade se faria pela força das coisas e pela universalidade do ensino.

2. A Insistência na Metodologia

- **Mensagem:** “Há, no entanto, grupos que buscam seguir os passos e a metodologia daquilo que eu próprio fiz...”

- **Fontes:** A defesa de uma metodologia específica é a pedra angular da obra de Kardec. Ele insistia que o Espiritismo não era fruto de uma opinião pessoal, mas o resultado do “ensino coletivo e concordante dos Espíritos”. O método preconizado por ele não era aceitar cegamente o que diziam os Espíritos, mas submeter tudo ao “controle universal” e ao crivo da razão e da lógica,. Ele afirmava que aqueles que não seguissem esse método de concordância universal e se baseassem em opiniões isoladas estariam sujeitos ao erro e a criar sistemas efêmeros,. Portanto, a valorização de grupos que seguem essa metodologia é perfeitamente coerente com o pensamento do Codificador.

3. O Combate ao Misticismo e aos Dogmas

- **Mensagem:** “...resistência de muitos que ainda insistem nos misticismos, nos dogmas...”

- **Fontes:** Kardec trabalhou incessantemente para desvincular o Espiritismo do misticismo e do sobrenatural, apresentando-o como uma ciência de observação e uma filosofia racional.

- **Sobre o Misticismo:** Ele afirmava que o Espiritismo não aceita os fatos qualificados de maravilhosos ou sobrenaturais, explicando-os por leis naturais, e combatia práticas que pudessem levar ao fanatismo ou à superstição. Ele declarou explicitamente: “O Espiritismo é uma ciência positiva, que destrói os últimos vestígios do maravilhoso”.

- **Sobre os Dogmas:** Kardec reiterava que o Espiritismo não é uma religião constituída com sacerdotes e dogmas particulares,. Ele criticava a fé cega e defendia que a fé inabalável é aquela que pode encarar a razão face a face. Ele também alertou contra Espíritos que tentam impor sistemas absolutos ou dogmáticos, considerando isso um sinal de ignorância ou mistificação.

4. A Inversão de Palavras e Distorções

- **Mensagem:** “...insistem... na inversão de palavras e nas distorções dos conteúdos da base da doutrina.”

- **Fontes:** Kardec estava ciente de que as palavras e os princípios poderiam ser mal interpretados ou distorcidos. Ele se preocupou em criar neologismos (como “Espiritismo” e “perispírito”) justamente para evitar a confusão de termos e garantir a clareza das definições,. Ele também observou que adversários e falsos amigos tentariam desnaturar o espírito da doutrina ou criar sistemas contraditórios,. A própria história das adulterações póstumas de suas obras (como A Gênese e O Céu e o Inferno) confirma a existência fática dessas “distorções dos conteúdos da base da doutrina” mencionadas na mensagem,.

Conclusão

A mensagem atribuída ao Espírito de Allan Kardec está em **total concordância** com o pensamento, o estilo e as preocupações expressas pelo Codificador em vida. As fontes demonstram que ele:

1. Previa e combatia divisões baseadas em personalismo.
2. Defendia um método rigoroso de controle universal e racionalidade.
3. Rejeitava categoricamente o misticismo supersticioso e a imposição dogmática,.
4. Temia e alertava contra a alteração e distorção dos princípios fundamentais da Doutrina.

Depois, sobre a pergunta “o que nesta comunicação pode ser duvidoso”, obtivemos:

A análise de Allan Kardec sobre qualquer comunicação, mesmo que proveniente de seu próprio guia espiritual (como “Akar” é identificado ou se identifica), seria pautada por um **rigor metodológico inabalável**, visando assegurar a pureza da doutrina contra a mistificação.

Mesmo considerando que o conteúdo da mensagem é de **elevada moralidade e coerência lógica** (características dos Espíritos Superiores), Kardec levantaria

os seguintes pontos como **duvidosos** ou que exigiriam escrutínio e controle rigorosos:

1. A Questão da Identidade (Autenticidade do Nome)

Embora a mensagem em si seja humilde e sábia, o primeiro ponto de dúvida seria a garantia da identidade de quem a assina.

- **Usurpação de Nomes:** Kardec sabia que Espíritos inferiores (pseudo-sábios ou mistificadores) frequentemente **usurpam nomes respeitáveis e venerados** para dar mais peso às suas palavras e impingir suas utopias. O Espírito que se apresenta deve ser julgado pela linguagem e pelas máximas que formula, pois um Espírito que se dissesse Fénelon, por exemplo, e ofendesse o bom-senso e a moral, provaria o **embuste**.
- **Aparência de Sabedoria:** Os Espíritos enganadores “**podem tudo imitar, tudo, exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento**”. Portanto, mesmo a sabedoria demonstrada na mensagem de Akar teria de ser verificada pela **concordância do ensino**. A sabedoria e a lógica presentes no texto apenas provam que se trata de um Espírito de **certa elevação**, mas não necessariamente atestam a identidade histórica que ele insinua.

2. O Conceito de “Nosso Grupo Cresce”

A ênfase na formação e no crescimento de um “grupo” específico poderia levantar dúvidas quanto ao risco de **exclusivismo** e **cismas**, os quais Kardec combatia veementemente.

- **Riscos de Criação de Seitas:** Kardec alertava que ambição e orgulho levam Espíritos a criar sistemas particulares e a ligar seus nomes a uma inovação. Quando um Espírito insufla a separação ou o isolamento dos adeptos, este **trai a sua inferioridade**.
- **Controle Universal:** A Doutrina Espírita não é privilégio de um só Espírito, mas é o resultado da **universalidade do ensino dos**

Espíritos. Akar declara que seu grupo “**cresce**” (Nosso grupo cresce), o que, para Kardec, seria menos importante do que a **qualidade** da união e a aderência à doutrina universal. Ele insistiria em saber se esse grupo se prega a **união** ou a **separação** das demais fileiras.

- **Evitar Superioridade Pessoal:** Embora a afirmação de Akar de que ele é “**apenas mais um**” que propaga a verdade seja um sinal de superioridade moral, Kardec usaria o princípio da humildade para se precaver contra qualquer tentativa de estabelecer esse “grupo” como a única fonte verdadeira, pois todo Espírito que “**pretende ter o privilégio da verdade**” é inferior.

3. As Revelações sobre Lutas e o Futuro

Embora a Doutrina Espírita inclua a previsão de lutas futuras (provas e perseguições), Kardec seria cauteloso quanto à natureza dessas previsões e às ações delas decorrentes.

- **Garantia de Infalibilidade:** Kardec repetia que “**os Espíritos não têm nem a soberana sabedoria, nem a soberana ciência**”, e que seu conhecimento é limitado ao seu grau de depuração. Por isso, a Doutrina Espírita exige que as ideias isoladas sejam aceitas com **reservas**.
- **Previsões de Datas/Fatos Materiais:** A comunicação de Akar não contém datas específicas, mas é um aviso sobre a dureza das “**provas**” e que “**Muitos sucumbirão**”. Kardec aceitava pressentimentos de acontecimentos futuros quando úteis, mas desconfiava de previsões circunstanciais, especialmente sobre fatos materiais e datas fixas, pois estas são indícios de **mistificação**.

Em resumo, Kardec utilizaria o princípio do **Controle Universal do Ensino dos Espíritos** (comparando essa mensagem com outras recebidas em diferentes centros e médiuns) e o **crivo da razão** para confirmar a autenticidade e a pureza de todos os pontos levantados por Akar, garantindo que a doutrina não se desviasse para o **dogmatismo** ou **misticismo**.

Notamos serem muito pertinentes as análises feitas pelo NotebookLM, mostrando-se uma ferramenta muito útil na pesquisa mediúnica. Porém, quando ele fala do **grupo**, notamos que a comunicação não se refere a algo exclusivista, mas sim no sentido do grupo de Espíritos que buscam a disseminação da verdade. Ademais, não notamos nada, **nessa comunicação**, que aponte para problemas de misticismo ou embuste. Na verdade, pensamos que tudo nela demonstra o caráter que se esperaria, como já dissemos.

Deixamos, enfim, a comunicação para apreciação dos demais, e também como uma incitação à retomada da pesquisa mediúnica, o que carece de que muitos grupos se formem, fazendo o mesmo, por toda parte, e colocando-se em colaboração, para realizar o método de Kardec.

Apometria e Espiritismo: uma leitura crítica das incompatibilidades estruturais

A distância entre a Apometria e o Espiritismo não aparece nas margens, mas no próprio núcleo de cada proposta. Quando examinamos detidamente o sistema apométrico atribuído a José Lacerda de Azevedo e o confrontamos com os princípios doutrinários consolidados nas obras de Allan Kardec — *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *A Gênese*, *O Céu e o Inferno*, *Obras Póstumas* e os doze anos da *Revista Espírita* — o resultado não é uma gradação, mas uma cisão. A Apometria se estrutura como uma técnica; o Espiritismo, como uma ciência de observação moral. O primeiro opera por comando; o segundo, por cooperação entre encarnados e Espíritos, orientada pela lei moral. A inconciliação é inevitável.

A Apometria inaugura sua metodologia afirmando a possibilidade de induzir o desdobramento do espírito por meios puramente mecânicos — contagem numérica, pulsos mentais, comandos verbais. Em essência: se o operador der a

ordem e marcar um ritmo, o espírito se separa, consciente, pronto para ser conduzido. Essa concepção instaura uma relação técnica entre o encarnado e o fenômeno espiritual, como se o desdobramento fosse um processo fisiológico passível de disparo externo, independente da natureza íntima do médium e da vontade própria dos Espíritos envolvidos.

Nada disso encontra fundamento na obra kardequiana. Em toda a literatura espírita, não há um único caso em que a separação perispírica seja tratada como procedimento voluntário provocado por técnicas humanas. Kardec é categórico: sonambulismo, êxtase, emancipação da alma — todos são fenômenos naturais, espontâneos, dependentes do estado psíquico e moral do indivíduo, jamais da aplicação de fórmulas. E quando se discute a influência de ordens, rituais, palavras ou contagens, a resposta dos Espíritos Superiores é sempre a mesma: qualquer virtude atribuída a tais métodos é superstição, e doutrinas que prescrevem processos mecânicos são inspiradas por Espíritos ignorantes.

No universo apométrico, contudo, a técnica substitui o fenômeno natural. O operador assume o papel de agente ativo, capaz de “abrir” e “fechar” o desdobramento, de “recolher” o espírito do paciente, de projetá-lo a ambientes espirituais específicos ou mesmo de conduzi-lo a situações pretéritas ou futuras. O espírito passa a ser tratado como objeto manipulável, submetido a comandos exteriores. Em Espiritismo, ao contrário, a autonomia do Espírito é inviolável. Kardec estabelece que, entre Espíritos, encarnados ou desencarnados, só existe supremacia pela superioridade moral — jamais pela força. Nenhum Espírito pode ser constrangido por autoridade técnica, e nenhum processo legítimo de assistência espiritual se baseia em qualquer forma de coação.

Outro ponto de ruptura aparece na maneira como a Apometria concebe o perispírito e o mundo espiritual. O sistema presume a existência de múltiplas camadas perispirituais que podem ser separadas umas das outras, operadas individualmente e tratadas como níveis funcionais distintos, cada qual suscetível a manipulação direta pelo operador. Não há, em Kardec, nada que se aproxime dessa visão fragmentada. O perispírito, para a Doutrina Espírita, é uma unidade funcional, elástica, plástica, submetida à vontade do Espírito — e não ao bisturi vibratório de um técnico humano. A fragmentação operacional do ser espiritual é estranha à ontologia espírita.

As divergências tornam-se ainda mais evidentes quando se observa a introdução

de aparelhos, mecanismos, estruturas tecnológicas e “equipamentos astrais” nas práticas apométricas. A presença de dispositivos implantados, máquinas, instrumentos de natureza supostamente eletrônica ou eletromagnética no plano espiritual contrasta radicalmente com a ciência espírita, segundo a qual os fenômenos espíritas são essencialmente fluídicos, derivados da vontade e da moralidade dos Espíritos, e não da mecânica. Kardec jamais descreve engenharias espirituais dotadas de parafusos, emissores, módulos ou ferramentas de intervenção física. Para ele, cura, obsessão, alívio ou perturbação se estabelecem por processos morais, vibratórios, magnéticos, mas nunca por instrumentos.

Mais profunda que qualquer divergência técnica é a ruptura filosófica. O Espiritismo sustenta que toda evolução procede da transformação moral do Espírito, e que nenhum processo externo — seja ritual, aparelho, técnica ou comando — pode substituir o esforço íntimo. A Apometria, ao contrário, atribui ao operador a capacidade de corrigir, reorganizar e redefinir estados espirituais pela técnica, como se o aperfeiçoamento moral fosse suplementar e não estrutural. A ética kardequiana é abolida quando o progresso deixa de ser trabalho interior do Espírito e passa a ser função de um processo técnico aplicado de fora.

Por fim, a Apometria apresenta-se como doutrina nova, com leis próprias, terminologia própria, aparato conceitual independente e objetivos distintos — mas reivindica proximidade com o Espiritismo. A posição de Kardec sobre doutrinas novas, entretanto, é inequívoca: qualquer sistema que introduza princípios que não se harmonizam com a universalidade do ensino dos Espíritos, ou que crie divisões, exclusivismos, grupos fechados, ou identidades paralelas ao Espiritismo, é necessariamente estranho à Doutrina Espírita. E mais: quando uma teoria carece de confirmação universal, ou apresenta elementos contrários às leis morais e fluídicas demonstradas, ela não deve ser incorporada ao corpo doutrinário.

A Apometria, portanto, não é apenas um acréscimo ao Espiritismo; é um corpo estranho. Opera por comandos onde o Espiritismo opera por moral. Usa técnica onde o Espiritismo usa observação. Manipula espíritos onde o Espiritismo coopera com eles. Introduz tecnologia onde o Espiritismo descreve fluido. Oferece leis artificiais onde o Espiritismo reconhece leis naturais e morais.

Não há conciliação possível.

E isso não desmerece a Apometria enquanto construção espiritualista particular;

apenas a coloca no lugar correto: **um sistema independente, não espírita, não kardequiano, não compatível** com a ciência dos Espíritos tal como estabelecida por Kardec.

Herculano, Espiritismo e Socialismo: a confusão causada pela terminologia

Desde os primórdios do movimento espírita, certos equívocos terminológicos criaram distorções que ainda hoje dificultam a compreensão precisa da Doutrina. Palavras tomadas de outros campos — carregadas de significados consolidados, disputadas por correntes divergentes ou marcadas por tradições alheias ao Espiritismo — foram incorporadas ao discurso espírita com sentidos particulares, diferentes dos sentidos predominantes no uso comum. Essa prática, embora muitas vezes bem-intencionada, produziu ambiguidades profundas, aproximando o Espiritismo ora de estruturas religiosas que ele não possui, ora de correntes políticas que jamais integraram seu corpo doutrinário. O resultado foi um terreno fértil para confusões, apropriações indevidas e interpretações que se afastam do método claro, simples e racional estabelecido por Kardec.

1. A gênese do problema terminológico

Desde cedo, parte do movimento espírita insistiu em qualificar o Espiritismo como “religião”, ainda que apenas “em sentido filosófico”. A escolha do termo, porém, contradizia a própria estrutura doutrinária: no uso comum, religião implica culto, rito, autoridade espiritual, dogma e hierarquia institucional — elementos estranhos à ciência espírita organizada por Allan Kardec. O resultado dessa insistência foi a consolidação de um ruído permanente. Uma única palavra, tomada de outro campo semântico, aproximou o Espiritismo de estruturas alheias ao seu método racional, criando uma ambiguidade que se perpetuou.

2. A questão do “socialismo” em Denis e Herculano

O mesmo processo se repete no emprego do termo “socialismo” por Léon Denis e, posteriormente, por Herculano Pires. Denis utiliza o vocábulo para expressar um ideal de fraternidade, cooperação moral e solidariedade entre os homens — um uso espiritualista, ético, baseado na perfectibilidade do indivíduo. Contudo, o cenário intelectual do século XIX já era marcado por múltiplas correntes socialistas coexistindo e competindo entre si. Entre elas, uma se destacava com força crescente: o socialismo científico, materialista, construído por Marx e Engels a partir da década de 1840, dotado de corpo teórico robusto, vocabulário próprio e influência concreta no movimento operário europeu.

O termo “socialismo”, portanto, já estava profundamente saturado de sentidos divergentes, quando não abertamente antagônicos. Não possuía neutralidade semântica. Não havia um “socialismo”, mas “socialismos”, dos quais apenas uma parcela guardava afinidade com valores espiritualistas. Assim, quando Denis e Herculano optam por preservar a palavra tentando diferenciá-la do materialismo marxista, acabam enfrentando um obstáculo inevitável: o termo não lhes pertence. Ele carrega consigo a força do uso dominante, e essa força prevalece sobre a intenção particular do autor.

3. A captura dos termos pelo sentido predominante

O fenômeno é idêntico ao que ocorreu com a expressão “religião em sentido filosófico”. Palavras carregadas por usos amplos e consolidados não se submetem à redefinição artificial. Ao entrar no discurso espírita, esses vocábulos acionam imediatamente as conotações predominantes no imaginário social. Assim, o “socialismo” de Denis — moral, espiritual, humanitário — torna-se facilmente tomado como o “socialismo” marxista — materialista, coletivista, partidário, centrado na luta de classes. O mesmo vale para “religião”: a tentativa de limitar o termo a um sentido filosófico não impede que seus significados tradicionais sejam evocados.

Essa captura semântica produz efeitos doutrinários concretos:

1. Denis e Herculano passam a ser usados como legitimadores de correntes políticas modernas.
2. A crítica moral à desigualdade é confundida com adesão a programas ideológicos.
3. O Espiritismo é deslocado para disputas políticas que não lhe dizem respeito.
4. Correntes materialistas encontram brecha para se infiltrar no discurso espírita.

A confusão não nasce do conteúdo doutrinário, mas da escolha terminológica mal calibrada para o ambiente semântico em que circula.

4. A autosuficiência racional do Espiritismo

O Espiritismo organizado por Kardec não necessita dessas categorias externas. É uma doutrina clara, simples, lógica, fundada na observação dos fatos e na análise racional dos fenômenos. Sua visão da vida repousa sobre leis morais e sobre a evolução espiritual do indivíduo — não sobre estruturas teológicas, nem sobre projetos políticos.

E é precisamente essa estrutura racional, quando preservada em sua forma original, que conduz de modo natural à transformação social. Não se trata de intervenção estatal, planejamento coletivista ou programas de reforma impostos de fora para dentro. A mudança social derivada do Espiritismo ocorre pela modificação progressiva das consciências: esclarecimento moral, responsabilidade, livre adesão ao bem, percepção das consequências espirituais das ações. É uma mudança autônoma, espontânea e não coercitiva. Esse ponto é **fundamental**, pois o Espiritismo contraria e refuta claramente as doutrinas materialistas e coercitivas de mudança social, demonstradas como apenas artificiais e não duradouras, como é o caso do socialismo científico, do comunismo e do marxismo (usando esse termo apenas para ficar claro).

Quando a doutrina é mantida íntegra — fiel à metodologia kardeciana — a transformação moral do indivíduo inevitavelmente irradia para as estruturas sociais. Não há necessidade de vestir o Espiritismo com termos de campos

alheios, nem de aproximá-lo artificialmente de correntes políticas. Quando isso ocorre, o efeito é contrário: a natureza da Doutrina é distorcida, perde clareza e abre espaço para leituras indevidas.

5. A consequência inevitável da ambiguidade terminológica

Enxertar termos carregados como “religião” ou “socialismo” sobre o Espiritismo é sempre contraproducente. Cada vocábulo traz consigo um universo de significados que obscurece, confunde e dá azo a interpretações errôneas. A semântica dominante domina o pensamento. A doutrina, então, acaba envolvida em disputas que não pertencem ao seu campo de atuação.

Restituir precisão conceitual significa recuperar a linguagem própria do Espiritismo — aquela construída por Kardec, rigorosa, racional, desprovida de ambiguidades. Significa impedir que conceitos externos deformem sua estrutura. Significa preservar as condições para que sua ação social se dê da única forma compatível com sua natureza: pela liberdade de consciência, pela compreensão das leis espirituais, pelo amadurecimento interior, sem imposições, sem alinhamentos ideológicos e sem empréstimos terminológicos que desviem o foco da Doutrina.

A questão da identidade dos Espíritos

A presente questão foi elaborada por conta da presença de uma mensagem atribuída a Allan Kardec, na introdução do livro “O Espiritismo é obra de Jesus”, de Paulo Henrique de Figueiredo e outros autores:

Percorram o caminho que trilhei. Teve, sim, dor, medo, revezes e pedras. Mas nada me deteve; ainda mais: me encorajaram e ampliaram a determinação. Cada um de nós, em determinado momento da jornada, vai vivenciar a prova

máxima, a realização verdadeira, onde encontramos nosso valor ao servir dedicadamente, humildemente, ao nosso Criador. Ontem fui eu, amanhã será cada um de vocês. Os mundos esperam na eternidade que a luz indique o caminho. A luz do mundo foi Jesus; eu apenas repeti suas palavras. Juntos servimos ao comando de Deus. Venha fazer parte dessa festa resplandecente. Os tempos se realizaram. Basta seguir em frente.

Allan Kardec

Página psicografada no dia 12 de setembro de 2025.

Grupo mediúnico Mateus.

“Se nós evocássemos Kardec e um Espírito, dizendo ser Kardec, trouxesse uma mensagem elevada, de cunho moral, e não nos aprofundando mais do que isso, seria importante conseguirmos procar a identidade desse Espírito? O que Kardec demonstrava sobre esse tipo de situação?”

Esta é uma questão que toca no cerne do método de Allan Kardec para o discernimento das comunicações espirituais, especialmente quando se trata de ensinamentos morais elevados.

De acordo com Allan Kardec, no cenário que você descreve — onde um Espírito se apresenta com um nome respeitável (como o dele) e traz uma **mensagem elevada, de cunho moral** — a **identidade absoluta** desse Espírito seria uma **questão secundária e sem importância real**.

Abaixo está o que Kardec demonstrou e ensinou sobre essa situação, priorizando o valor do conteúdo em detrimento do nome.

1. A Prioridade do Conteúdo Moral

Kardec estabeleceu uma regra fundamental para julgar as comunicações, aplicável quando a instrução é o foco principal:

- **O que importa é a natureza do ensino:** se é bom ou mau, digno ou indigno da personagem que o assina. Esta é a **questão capital**.
- O nome **nunca é uma garantia**. A única e verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira pela qual ele é expresso.

- Se o ensino for **bom e racional**, pouco importa o nome que o Espírito tome.
- Para as instruções gerais, se o Espírito só disser **coisas aproveitáveis**, o nome pelo qual se dá a conhecer é indiferente. Muitas vezes, um Espírito toma um nome conhecido (como o de um apóstolo ou de uma pessoa respeitada) para **fixar as ideias** do evocador.
- Se um Espírito que só prega o bem fosse capaz de mentir conscientemente e sem utilidade alguma, teríamos que supor que é um Espírito mau, o que não é lógico. O objetivo essencial e exclusivo do Espiritismo é o aperfeiçoamento moral dos homens. Uma mensagem moral elevada serve a esse propósito.

Em resumo, o juízo sobre um Espírito que se comunica sob um nome respeitável, mas fornece uma **mensagem pura, sem contradições e à altura do caráter esperado** (como Kardec), deve ser feito primariamente pela **apreciação moral** da linguagem e das máximas.

2. A Traição pela Linguagem

Kardec advertia que os Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, como forma de mistificação, são rapidamente desmascarados quando sua linguagem é analisada.

- Os Espíritos impostores **se traem logo pela linguagem que empregam e pelas máximas que formulam**. Se, por exemplo, o Espírito ofender o bom-senso ou a moral, ele demonstrará, por esse simples fato, o embuste.
- Os Espíritos enganadores podem imitar tudo, **exceto o verdadeiro saber e o verdadeiro sentimento**.
- A linguagem dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre **digna, nobre, lógica e isenta de contradições**, e nela se respira a **sabedoria, a benevolência e a mais pura moral**.
- Se um ensino for bom, racional e não provocar objeções sérias, a conclusão é que a fonte é superior, mesmo que o nome seja apócrifo.

3. Quando a Identidade é Crucial

Embora a identidade seja secundária para a **instrução geral**, ela é considerada

importante ou mais fácil de verificar em outros contextos:

1. **Evocações Íntimas:** Se o objetivo é a comunicação com um parente ou amigo, a **pessoa mesma** interessa, e é razoável tentar certificar-se da identidade, que é mais facilmente comprovada quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujos caracteres e hábitos são conhecidos.

2. **Mistificações Sistêmicas:** A atenção deve se concentrar na **distinção dos bons e dos maus Espíritos**, cuja qualidade nunca é indiferente, mesmo que a individualidade seja. O Espírito de ordem inferior que se adorna com um nome respeitável para que suas palavras mereçam crédito exige grande precaução.

O que Kardec demonstrou sobre a situação:

Allan Kardec demonstrou que o discernimento contínuo, baseado na **lógica e no bom senso**, é a ferramenta mais segura. Ele e a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas não aceitavam como verdade irrefutável tudo o que vinha dos Espíritos, sabendo que eles podem se enganar ou mistificar.

A experiência (a observação contínua dos fatos e da linguagem) é que dá os meios para desmascarar as mistificações.

Em síntese, se a mensagem do Espírito que diz ser Kardec for elevada e moral, ela é, por definição, **útil** para o seu adiantamento moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Nesses casos, a **qualidade do ensinamento** é a prova suficiente de que o Espírito é elevado (seja Kardec ou um Espírito de igual elevação que se apresenta sob esse nome). Provar a identidade materialmente seria pueril ou desnecessário, pois o valor do intercâmbio já estaria estabelecido pelo conteúdo moral.

Para melhor compreensão, podemos usar uma analogia: na Doutrina Espírita, ao receber uma mensagem moral elevada, é como se você recebesse um cheque assinado por uma figura de grande reputação. Se o cheque for genuinamente endossado por uma instituição financeira sólida (a moralidade e a razão), a validade da riqueza (o ensinamento) é garantida, mesmo que você não tenha certeza se a pessoa que o entregou pessoalmente era o próprio signatário, pois a intenção caridosa e a fonte de valor são incontestáveis. O foco está no **valor inegável da moeda (a moralidade), e não na autenticidade da assinatura para fixar o valor**. O Espírito de ordem inferior, por sua vez, seria como alguém

que tenta passar uma nota falsa, mas o material (a moralidade) não resiste à inspeção minuciosa.

Análise de Comunicação Mediúnica - A Metodologia Espírita: Fé, Provas e o Estudo em Grupo

Hoje trouxemos mais uma análise de comunicação mediúnica. O foco sempre é destacar as características lógicas das mensagens através do corpo da mensagem, análises ponto a ponto, e conclusões.

No mês de novembro de 2025, em uma de nossas reuniões mediúnicas, um dos médiuns recebeu a seguinte comunicação psicográfica espontânea de um Espírito:

Houve um tempo em que a necessidade das provas era necessária. Hoje, de acordo com a evolução dos habitantes do mundo, ela é ainda mais necessária, visto que a humanidade está cada vez mais imbuída de más intenções, visando o egoísmo e o ganho pessoal acima do coletivo. Estudos estão sendo feitos sobre médiuns e mediunidade. Os pesquisadores, no entanto, focados em cartas consoladoras, esquecem o básico da doutrina. Ou esquecem ou desconhecem.

Quando buscam por cartas consoladoras com o intuito da comprovação, o mundo espiritual, muitas vezes, se cala. A pesquisa carece de um ponto essencial: a fé. Também carece do entendimento do mundo espiritual.

Se fossemos enumerar, aqui, esses pontos, teríamos que ditar a codificação desde o seu princípio.

Ainda na época de Kardec, tentaram os mesmos experimentos. De lá, para cá, nada mudou nas Leis de Deus, nem na conduta dos Espíritos.

Mas não se preocupem. A hora das provas concretas está próxima e até os incrédulos tremerão.

Já dissemos: se for preciso, voltaremos a bater nas mesas.

Os médiuns são falhos. As Leis de Deus, não.

O estudo desses cientistas deveria ser feito em um grupo mediúnico. Só assim, poderiam entender o funcionamento básico dos fenômenos. Isolar médiuns para evocar espíritos não é um estudo correto. Analisar, no entanto, médiuns em transe nos grupos, poderia dar a eles material para abrirem as pesquisas.

Mas somos apenas mensageiros. Nossas palavras nem sempre são bem entendidas.

Desejamos, e faremos a nossa parte para que eles cheguem às suas melhores conclusões, sem retirar da humanidade a fé do amanhã, pelo contrário, informar aos incrédulos sobre a certeza que obterão de nosso mundo. ((entendemos que esta parte da mensagem seja melhor entendida desta forma: “Desejamos informar aos incrédulos sobre a certeza que obterão de nosso mundo. E faremos a nossa parte para que eles cheguem às suas melhores conclusões, sem retirar a fé do amanhã da humanidade”))

Um Espirito - nov 2025

Esta comunicação tem a característica da **firmeza doutrinária, lógica rigorosa e foco na utilidade moral**. Aferiremos se as asserções do Espirito são coerentes com o ensinamento geral. Assim como se ela promove o progresso e o bem, em vez do sensacionalismo ou da especulação.

A mensagem pode ser classificada como **profundamente instrutiva e em total conformidade com a moral dos Espíritos Superiores**. Ela serve como um guia prático e uma severa advertência aos pesquisadores e médiuns.

Aqui está a análise ponto a ponto:

1. Sobre a Condição da Humanidade e a Necessidade das Provas

A avaliação da Humanidade — que está ***“cada vez mais imbuída de más intenções, visando o egoísmo e o ganho pessoal acima do coletivo”*** — é uma constatação que reflete a realidade do nosso planeta de **expições e provas**. O **egoísmo** e o **orgulho** são as verdadeiras **chagas da Humanidade**. O Espiritismo tem como **meta essencial** justamente o **aperfeiçoamento moral do ser humano**.

A declaração de que a ***necessidade das provas é ainda maior*** é lógica, pois as manifestações espíritas têm um **fim providencial**: convencer os **incrédulos** da sobrevivência da alma.

O aviso de que a ***“hora das provas concretas está próxima”*** e que ***“se for preciso, voltaremos a bater nas mesas”***, está em sintonia com a lei do progresso. Os Espíritos iniciaram as suas manifestações com os **efeitos físicos** (as pancadas — *tiptologia*), que serviram como o **vestíbulo da Ciência** para despertar a atenção. Kardec observou que os Espíritos conduzem o ensino de modo **gradativo e prudente**. A retomada dos fenômenos físicos seria um **meio poderoso** para a implantação universal da doutrina na nova fase. **Isto chocaria aqueles que ainda precisam de evidências materiais**. ((<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/889/viagem-espirita-em-1862/1983/discursos-pronunciados-nas-reunioes-gerais-dos-espiritas-de-lyon-e-bordeaux>))

A afirmação de que ***“nada mudou nas Leis de Deus, nem na conduta dos Espíritos”*** é perfeitamente exata, pois as leis divinas são **imutáveis**. ((O Céu e o Inferno - Primeira Parte: Doutrina - Capítulo VIII. As penas futuras segundo o espiritismo - 14°. Diante dessa lei cai igualmente a objeção tirada da presciência divina. Deus, criando uma alma, sabe efetivamente se, em virtude de seu livre-arbítrio, ela tomará o bom ou o mau caminho; sabe que ela será punida se agir mal; mas sabe também que esse castigo temporário é um meio de fazê-la compreender seu erro e de fazê-la adentrar no bom caminho, a que chegará cedo ou tarde. Segundo a doutrina das penas eternas, Deus sabe que a alma falhará e está de antemão condenada a torturas sem fim. A razão diz também de qual lado está a verdadeira justiça de Deus.))

2. Sobre a Metodologia de Pesquisa, a Fé e o Silêncio Espiritual

A crítica aos pesquisadores que “**focados em cartas consoladoras, esquecem o básico da doutrina**” e agem com a “**curiosidade**” é um ponto essencial reiterado nas obras espíritas.

- **Necessidade de Fé e Estudo:** O ensino afirma corretamente que a pesquisa carece de **fé** e de **entendimento do mundo espiritual**. Kardec sempre sublinhou que a **fé inabalável** é aquela que **pode encarar frente a frente a razão**. O estudo sério e perseverante é a **primeira condição** para conhecer o Espiritismo. ((

<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/2/o-livro-dos-espirtos/47/introducao-a-o-estudo-da-doutrina-espirita/xvii>))

- **O Silêncio Espiritual:** O fato de que “**o mundo espiritual, muitas vezes, se cala**” quando a busca é pela comprovação (por interesse ou curiosidade) é uma verdade constante. Os Espíritos Superiores **não gostam dos curiosos**. Eles não se prestam a **experiências frívolas, ociosas ou para dar espetáculo**, e se recusam a auxiliar qualquer tipo de **cupidez** ou **egoísmo**.

A mensagem está correta ao sugerir “**ditar a codificação desde o seu princípio**” para esclarecer esses pontos. isto demonstraria que, sem a base filosófica (Deus, alma, imortalidade), o estudo da manifestação é **inútil**. ((Livro dos Médiuns capítulo III – Do método <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/884/o-livro-dos-mediuns-ou-guia-dos-mediuns-e-dos-evocadores/1009/primeira-parte-nocoas-preliminares/capitulo-iii-do-metodo/18>)))

3. Sobre a Falibilidade do Médiun e a Importância do Grupo

A comunicação fornece instruções práticas vitais sobre a prática mediúnica:

- **A Falibilidade:** A distinção “**Os médiuns são falhos. As Leis de Deus, não**” é fundamental. A faculdade mediúnica é **orgânica** e **independe do moral** do médium. Contudo, a aplicação e a qualidade das comunicações dependem das **qualidades do médium**.

- **O Escolho do Isolamento:** A crítica de que “**Isolar médiuns para evocar espíritos não é um estudo correto**” é uma máxima de segurança. O **isolamento do médium** é um dos **maiores escolhos** da mediunidade. Aquele que trabalha sozinho se torna facilmente presa de **Espíritos mentirosos e**

hipócritas que o **dominam**. ((Livro dos Médiuns – Segunda Parte – Capítulo Das manifestações espíritas Capítulo XXIII — Da obsessão – Causas da obsessão – 248. Acontece muito frequentemente que um médium só se pode comunicar com um único Espírito, que a ele se liga e responde pelos que são chamados por seu intermédio. Nem sempre há nisso uma obsessão, porquanto o fato pode derivar da falta de maleabilidade do médium, de uma afinidade especial sua com tal ou tal Espírito. Somente há obsessão propriamente dita, quando o Espírito se impõe e afasta intencionalmente os outros, o que jamais é obra de um Espírito bom. Geralmente, o Espírito que se apodera do médium, tendo em vista dominá-lo, não suporta o exame crítico das suas comunicações; quando vê que não são aceitas, que as discutem, não se retira, mas inspira ao médium o pensamento de se insular, chegando mesmo, não raro, a ordená-lo. Todo médium, que se melindra com a crítica das comunicações que obtém, faz-se eco do Espírito que o domina, Espírito esse que não pode ser bom, desde que lhe inspira um pensamento ilógico, qual o de se recusar ao exame. O insulamento do médium é sempre coisa deplorável para ele, porque fica sem uma verificação das comunicações que recebe. Não somente deve buscar a opinião de terceiros para esclarecer-se, como também necessário lhe é estudar todos os gêneros de comunicações, a fim de as comparar. Restringindo-se às que lhe são transmitidas, expõe-se a se iludir sobre o valor destas, sem considerar que não lhe é dado tudo saber e que elas giram quase sempre dentro do mesmo círculo.))

• **A Força do Grupo:** O conselho de que o estudo ***“deveria ser feito em um grupo mediúnico”*** é a única forma de evitar a obsessão. O grupo sério fornece o **controle**, a **análise** e o **exame crítico** das comunicações por pessoas desinteressadas e benevolentes, o que desmascara os Espíritos enganadores. ((O Livro dos Médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores. Segunda parte — Das manifestações espíritas. Capítulo XXIX — Das reuniões e das sociedades espíritas. Das reuniões em geral. 329. As reuniões de estudo são, além disso, de imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, para aqueles, sobretudo, que seriamente desejam aperfeiçoar-se e que a elas não comparecerem dominados por tola presunção de infalibilidade. Constituem um dos grandes tropeços da mediunidade, como já tivemos ocasião de dizer, a obsessão e a fascinação. Eles, pois, podem iludir-se de muito boa-fé, com relação ao mérito do que alcançam e facilmente se concebe que os Espíritos enganadores têm o caminho aberto, quando apenas lidam com um cego. Por essa razão é que afastam o seu médium de toda fiscalização; que chegam mesmo, se for preciso, a fazê-lo

tomar aversão a quem quer que o possa esclarecer. Graças ao insulamento e à fascinação, conseguem sem dificuldade levá-lo a aceitar tudo o que eles queiram. Nunca será demais repetir: aí se encontra não somente um tropeço, mas um perigo; sim, verdadeiro perigo, dizemos. **O único meio, para o médium, de escapar-lhe é a análise praticada por pessoas desinteressadas e benevolentes que, apreciando com sangue frio e imparcialidade as comunicações, lhe abram os olhos e o façam perceber o que, por si mesmo, ele não possa ver. Ora, todo médium que teme esse juízo já está no caminho da obsessão; aquele que acredita ter sido a luz feita exclusivamente em seu proveito está completamente subjugado.** Se toma a mal as observações, se as repele, se se irrita ao ouvi-las, dúvida não cabe sobre a natureza má do Espírito que o assiste. Temos dito que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para perceber os erros; que pode deixar-se iludir por palavras retumbantes e por uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, tudo na maior boa-fé. Por isso é que em falta de luzes próprias, deve ele modestamente recorrer à dos outros, de acordo com estes dois adágios: quatro olhos veem mais do que dois e — ninguém é bom juiz em causa própria. Desse ponto de vista é que são de grande utilidade para o médium as reuniões, desde que se mostre bastante sensato para ouvir as opiniões que se lhe deem, porque ali se encontrarão pessoas mais esclarecidas do que ele e que apanharão os matizes, muitas vezes delicados, por onde trai o Espírito a sua inferioridade. Todo médium, que sinceramente deseje não ser joguete da mentira, deve, portanto, procurar produzir em reuniões serias, levando-lhes o que obtenha em particular, aceitar agradecido, solicitar mesmo o exame crítico das comunicações que receba. Se estiver às voltas com Espíritos enganadores, esse o meio mais seguro de se desembaraçar deles, provando-lhes que não o podem enganar. Aliás, ao médium, que se irrita com a crítica, tanto menos razão assiste para semelhante irritação, quanto o seu amor-próprio nada tem que ver com o caso, pois que não é seu o que lhe sai da boca, ou do lápis, e que mais responsável não é por isso, do que o seria se lesse os versos de um mau poeta. Insistimos nesse ponto, porque, assim como esse é um escolho para os médiuns, também o é para as reuniões, nas quais importa não se confie levianamente em todos os intérpretes dos Espíritos. O concurso de qualquer médium obsidiado, ou fascinado, lhes seria mais nocivo do que útil; não devem elas, pois, aceitá-lo. Julgamos já ter expendido observações suficientes, de modo a lhes tornar impossível equivocarem-se acerca dos caracteres da obsessão, se o médium não a puder reconhecer por si mesmo. Um dos mais evidentes é, da parte deste, a pretensão de ter sempre razão contra toda

gente. Os médiuns obsidiados, que se recusam a reconhecer que o são, se assemelham a esses doentes que se iludem sobre a própria enfermidade e se perdem, por se não submeterem a um regime salutar.))

- **Análise em Transe:** A sugestão de “*analisar, no entanto, médiuns em transe nos grupos*” é uma metodologia válida. O estado de **sonambulismo ou êxtase** permite que o Espírito do médium se manifeste mais livremente, revelando **manifestações mais elevadas e profundas**.

4. Sobre a Identidade e a Missão

A ausência de um nome específico do Espírito, apresentando-se apenas como “*somos apenas mensageiros*”, seria visto como um sinal de **seriedade e humildade**, típicos de Espíritos que se importam com a **ideia** e não com o **homem**. Pela análise, podemos afirmar que é o mesmo espírito que se comunicou anteriormente na [nesta mensagem aqui](#)

- **O Foco na Mensagem:** A prioridade de “*informar aos incrédulos sobre a certeza que obterão de nosso mundo*” é a finalidade máxima e essencial da Doutrina Espírita.
(<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/885/o-que-e-o-espiritismo/1320/capitulo-ii-noco-es-elementares-de-espiritismo/fim-providencial-das-manifestacoes-espiritas>))

Veredito Final de nossa análise:

Concluimos que o teor da comunicação é **inteiramente conforme** aos ensinamentos que lhe foram dados pelos Espíritos Superiores. A mensagem serve como uma advertência aos adeptos e aos cientistas da Terra: **a metodologia de observação deve ser aliada à moralidade e à lógica, e o Espiritismo não se presta à curiosidade vã.**

“A utilidade desta comunicação não reside em revelar verdades científicas novas, mas sim em reforçar os *pilares da conduta espírita*: a **seriedade do estudo**, o **rigor do raciocínio** e a **segurança da prática em grupo**. A promessa das provas futuras é um encorajamento para que os homens de bem se mantenham firmes na fé racional, pois a verdade, que é calma, prevalecerá sobre a violência e a incredulidade.”
(<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/894/revista-espírita-jornal-de-estudo>)

O falso “Allan Kardec”, a FEB e a unificação sob Ismael

Sob o título de “INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL”, no livro “A Prece Segundo o Evangelho”, encontramos uma comunicação de um Espírito que se apresenta, no grupo Sayão, grupo roustanguista que tomou a FEB e desviou o Movimento Espírita Brasileiro, sob o nome de Allan Kardec. Analisemos essa comunicação, fazendo observações e proposições de perguntas que poderiam ter colocado esse Espírito mistificador em seu lugar:

INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL

I — EXORTAÇÃO AO ESTUDO, À CARIDADE E À UNIFICAÇÃO

Paz e amor convosco.

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa doutrina de paz e de amor, de justiça e de esperanças, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura — o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.

Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis — a todos vós espíritas a quem falo neste momento — que me perdoeis se porventura, na externalização dos meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração.

O cumprimento do dever nos impõe usemos de linguagem franca, rude mesmo. Por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva e, para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos, muitas vezes, com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro, corações amigos, para

os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

Certo de que ouvireis a minha súplica; certo de que, falando aos espíritas, falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos que tomei para com o nosso Criador e Pai!

*Sempre compassivo e bom, volvendo os piedosos olhos à Humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade as palavras do Cristo, e manda o Consolador — o Espírito de Verdade — que abertamente fale da **revelação messiânica** a essa mesma Humanidade esquecida dAquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!*

A forma de falar de Jesus é inteiramente devocional, emocional, sem qualquer traço do cuidado terminológico kardeciano. Kardec distingue constantemente o Cristo-homem histórico da função de “modelo e guia”, analisa o ensino moral, evita esse tipo de pintura dramática e sentimental como argumento. Aqui, Jesus é usado como gatilho afetivo para legitimar o discurso que vem em seguida.

O Espiritismo NUNCA foi algo messiânico, posto que é uma ciência, construída pela metodologia sempre exposta por Kardec, com a colaboração de milhares de pessoas, espalhadas por toda parte. Messiânica era como ser vista a tarefa **misticista** de Jean-Baptiste Roustaing. Diz Kardec, em “O Espiritismo em sua mais simples expressão”:

“A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, **a terceira não a tem em indivíduo algum**. As duas primeiras foram individuais, **a terceira coletiva**; aí está um **caráter essencial de grande importância**. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como **privilegio a pessoa alguma: ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo**; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos”. (Atos, 2:17 e 18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação”.

Algumas perguntas que poderiam ter colocado esse Espírito em seu devido lugar:

1. **Onde Kardec classificou o Espiritismo como “revelação messiânica”?**
2. **Como conciliar “revelação messiânica” com a declaração explícita de Kardec de que a terceira revelação não tem missionário único e é coletiva?**
3. **De onde você extraiu autorização para alterar a natureza da revelação, se o controle universal exige concordância entre múltiplas fontes independentes?**
4. **Você pretende substituir a revelação coletiva por uma revelação centralizada em você, Ismael ou Roustaing?**

Corridos os séculos, desenvolvido intelectualmente o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho — precioso livro de verdades divinas — até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da percepção humana para compreendê-lo em espírito.

Por toda a parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos — de acordo com o seu preparo moral e intelectual — missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa-Nova!

Todos foram chamados: a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador em nome desse Deus de misericórdia, que não quer a morte do pecador — nem o extermínio dos ingratos — e sim os deseja ver remidos dos desvarios da carne, da obcecação dos instintos.

*Sendo assim, a esse pedaço de terra, a que chamais Brasil, foi dada também a **Revelação da Revelação**, firmando os vossos Espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.*

Aqui há uma referência direta e inequívoca aos Evangelhos de Roustaing, e não à

ciência espírita: “*Os Espíritos do Senhor vêm trazer aos homens a nova revelação, a que podeis chamar, como já vos dissemos, “revelação da revelação”, e, por meio dela, clarear e desenvolver as inteligências, purificar os corações no crisol da ciência, da caridade e do amor.*” (Roustaing, OQE)

Há outro desvio doutrinário aqui: a ideia de uma **missão nacional privilegiada** (“esse pedaço de terra... foi dada também a Revelação da Revelação”, encarnando “compromissos” especiais). Kardec admite que povos podem ter missões históricas, mas sempre com muita prudência, sem investir nenhum país com papel sagrado. O uso de “Revelação da Revelação” + Brasil é a matriz ideológica de todo o mito posteriormente reforçado em *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. É um espiritualismo nacionalista que não tem base na metodologia kardeciana, mas é funcional para construir um centro de poder religioso no Brasil.

Perguntas para recolocar o Espírito em seu lugar:

1. **Mostre onde Kardec atribuiu a qualquer país uma missão religiosa exclusiva.**
2. **Se a revelação é universal, como pode ter “segunda camada” (“da revelação”) reservada a uma única nação?**
3. **Você está afirmando que o Brasil tem privilégio espiritual? Com base em qual lei universal?**
4. **Que comparação metódica (controle universal) valida essa sua afirmação? Quais médiuns independentes confirmam isso?**

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela — Deus, Cristo e Caridade. Forte pela dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações, procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão dos pombos; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento — o do amor — pudessem adorar o Pai em Espírito e Verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual

viesses quebrar-se todas as armas dos inimigos da Luz; onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!

A unidade, em Kardec, é **doutrinária e metodológica**, nunca **orgânica e institucional** sob um centro único. Ele recusa explicitamente a ideia de “papa espírita” e de direção centralizada. O discurso aqui é outro: todos devem convergir para **um agrupamento único**, sob a bandeira de Ismael. É a proposta de unificação pela submissão a um polo “sagrado”, exatamente o caminho que Kardec rejeita:

“Vale mais, portanto, haver em uma cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, em que nenhum se arrogue a supremacia sobre os outros, do que uma única sociedade que a todos reunisse. Esse fracionamento em nada pode prejudicar a unidade dos princípios, desde que a bandeira é uma só e que todos se dirigem para um mesmo fim” – Kardec, VE

1. **Por que você descreve a ação espiritual em termos de guerra maniqueísta, se Kardec explica essas influências de modo natural e racional?**
2. **Em qual obra de Kardec há referência a uma união organizada dos “maus Espíritos pelo amor do mal”?**
3. **Que finalidade doutrinária teria essa linguagem dramática, ausente do estilo sóbrio adotado por Kardec?**

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, à semelhança das sementes lançadas no pedregulho, elas não encontram terra boa para as suas raízes, e quando aquele anjo bom — aquele Enviado de Deus — julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões, foram-se encravando na rocha, apesar de o orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação.

Ali, onde a humildade devera ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali, onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até junto do

Cristo, a indiferença cavou sulcos, à justiça se chamou injustiça, à fraternidade — dissensão!

Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa-vontade de outros?

Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

*Assim, quando os inimigos da Luz — quando o **espírito das trevas** julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da **trindade divina**; quando a voz iníqua já reboava no Espaço, glorificando o **reino das trevas** e amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele recolheu o seu estandarte e fez que se levantasse pequena tenda de combate com o nome — Fraternidade!*

Uma linguagem fortemente misticista e até esotérica, coroada de ideias contrárias ao Espiritismo, com fortes concepções religiosas, contrárias àquilo que se mostra em O Céu e o Inferno (Editora Mundo Maior – edição não adulterada).

Aqui se monta uma narrativa típica de grupo sectário:

1. Há um **projeto divino** (bandeira de Ismael).
2. Ele “quase” fracassa por culpa dos homens.
3. Os “inimigos da Luz” se regozijam.
4. Deus/Ismael intervém e funda um novo “núcleo eleito” (a tal Fraternidade).

O efeito psicológico é claro: legitimar uma instituição concreta (grupo “Fraternidade”) como **único guardião fiel do plano divino**, o “resto fiel” cercado de trevas em torno. Isso é totalmente estranho ao modo como Kardec lida com sociedades e grupos: ele sempre relativiza, adverte contra a fascinação local, e submete qualquer grupo ao crivo do conjunto dos Espíritos e da razão, nunca o sacraliza.

Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas — todos os que não recebiam a semente do pedregulho.

*Certos de que acaso é palavra sem sentido, e testemunhas dos fatos que determinaram o levantamento dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agruparem — ouvir a **palavra sagrada** do bom Guia Ismael — **único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e único que tem a responsabilidade da sua marcha e desenvolvimento.***

Diversas concepções contrárias ao Espiritismo. Não há palavra sagrada, no que tange aos Espíritos, não importa o nome pelo qual ele se apresente: há ideias e concepções que devem ser analisadas à luz da razão. Ismael é um Espírito mistificador - talvez o próprio, que escreve essa mensagem - e dos mais inteligentes (e, por isso mesmo, dos mais perigosos aos desavisados). Note a palavra “único” (que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e que tem a responsabilidade da sua marcha e desenvolvimento), que é tão absurdamente falsa, já que os Espíritos não agem sozinhos, muito menos aqueles que incitam a humanidade ao bem. Essa ideia é apenas mais uma forma de manter os crentes em sua palavra na fascinação obsessiva.

Do ponto de vista espírita kardeciano, esse parágrafo é um **sinal vermelho de fascinação**:

- “Palavra sagrada” de um Espírito;
- Esse Espírito é “único” diretor da propaganda e da marcha da doutrina numa região inteira.

Kardec insiste em que:

- **nenhum Espírito** deve ser aceito cegamente;
- a verdade resulta do **concurso de muitos Espíritos, médiuns e centros independentes**, confrontados pela razão;
- qualquer Espírito que se arrogue **privilégio, exclusividade, missão absoluta, autoridade incontestável** deve ser imediatamente posto em suspeita (isso está ligado às descrições de mistificação e fascinação em *O Livro dos Médiuns*).

Aqui o texto pede exatamente o contrário: renúncia crítica em favor da “palavra

sagrada” de um “único guia”.

Perguntas que teriam recolocado o Espírito em seu devido lugar:

1. **Por que você solicita submissão a um agrupamento específico, se Kardec afirma que as sociedades espíritas são livres e autônomas?**
2. **Que fundamento da Codificação permite transformar uma sociedade particular em eixo obrigatório da Doutrina?**
3. **Como justificar uma centralização institucional, se Kardec rejeita qualquer forma de supremacia orgânica?**

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra — Fraternidade!

Não é um termo, é um fato; não é uma palavra vazia, é um sentimento, sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua extraordinária grandeza!

Ismael tem o seu Templo, e sobre ele a sua bandeira — Deus, Cristo e Caridade! Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram por verdadeira: e chama-se Fraternidade!

Mais um ponto anti-espírita (no sentido kardeciano):

1. Não existe, em Kardec, a ideia de **“Templo de um Espírito”**. Os “templos” que ele admite são, no máximo, os da consciência e da prática moral. A instituição espírita, para ele, é **escola, laboratório, grupo de estudo**, não santuário consagrado a um Guia.
2. A tríade “Deus, Cristo e Caridade” em bandeira de templo lembra lema confessional, não conceito doutrinário. Em Kardec, caridade é consequência natural da compreensão da lei de justiça, amor e caridade; aqui vira um slogan de bandeira de seita.

Pergunto-vos: Pertenceis à Fraternidade? Trabalhais para o levantamento desse

Templo cujo lema é: Deus, Cristo e Caridade?

Como, e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto para convosco naquilo que vou dizer: o vosso trabalho, feito todo de acordo — não com a Doutrina — mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que, encontrando-vos desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará com todo o peso da sua iniquidade.

Chega a ser cômico, tamanho o nível de hipocrisia desse Espírito. Se essas palavras fossem aplicadas a todos esses que não estudam a Doutrina Espírita onde ela realmente existe - nas obras de Kardec - elas seriam absolutamente justas... Mas esse Espírito conhece bem o terreno onde pisa, o que faz com que a ideia central seja convertida no sentido contrário, enquanto ele fala de si mesmo.

Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota, porquanto — vede bem —, o que não podeis fazer com o Evangelho: unir-vos pelo amor do bem, fazem os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal!

*Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita — **Revelação da Revelação** — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!*

Nova referência **ridícula** à obra de Roustaing. O padrão aqui é de **vitimização milenarista**: a doutrina (na verdade, a leitura roustaingista sob Ismael) é “Revelação da Revelação” perseguida por “inimigos da Luz” que se unem “pelo amor do mal”. Esse tipo de dicotomia maniqueísta é estranho a Kardec, que tem uma visão bem mais graduada dos Espíritos e dos homens. Ele não fala de

“inimigos do Espiritismo” organizados numa frente única maligna; fala de ignorância, interesses, más influências, mas sempre recomendando calma, paciência, discernimento — nunca esse clima de guerra cósmica em torno de um templo específico.

A luta cresce dia a dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos Espíritos em face da Doutrina, no estado precário que acabo de assinalar, pergunto: — Com que elemento contam eles, os vossos Espíritos, na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidade?

Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos; em que canto da Terra construístes a grande muralha contra a qual se hão de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que, à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tenhais perdido? Que conteis com as outras, que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas, se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundo de todos os dias, dos vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídos pela traça — tocados pelo bolor os vossos arquivos repletos de comunicações?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se, tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multipicais ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação?

Mas, onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a Doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já, desse modo, um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a

fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será porque este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será porque convenha à propaganda que fazeis?

Aqui, ele está apenas preparando o caminho, com ideias torpes, para, logo mais, vir com a solução para a “divisão”.

Mas, para a propaganda, precisamos dos elementos construtivos dela. Pergunto: — onde a escola dos médiuns? Existe?

Porventura os homens que têm a boa-vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus Espíritos para o ressurgir da outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados — os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheios dessa seriedade, que dá uma idéia da grandeza da nossa Doutrina?

Ou a vossa propaganda se limita tão-somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades individuais e coletivas se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que atinge profundamente o meu Espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas, eu vos disse ao começar: — temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance!

Se completa não está a minha missão na Terra; se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a doutrina que aí me foi revelada, dando-vos novos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências; se vejo que cada dia que passa da vossa existência — iluminada pela sublime luz da revelação, sem produzirdes um trabalho à altura da graça que vos foi concedida — é um motivo de escândalo para as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude de amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num

grande agrupamento fraterno, onde — avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons — possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para emancipação dos vossos Espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na Humanidade, não só quanto à parte da Ciência e da Religião, mas também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: — Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estreito limite da boa-vontade e da propaganda, sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de Jesus-Cristo quando disse que — a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuis luz própria!

Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então, sim; distribuí a luz, ela vos pertence!

A frase diz, na prática:

- Você só tem “luz” legítima se se **disciplinar dentro do Templo de Ismael**.
- Fora dele, seu trabalho “causa embriaguez à vista”, dá frutos “amargos”, etc.

É um mecanismo de **controle**: desloca-se o critério de autenticidade da doutrina (razão, universalidade, método) para o critério de **pertencer ao templo “certo”**. Isso é a negação do princípio da universalidade da revelação espírita.

E vos pertence, porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço, uma brilhante conquista do vosso Espírito — empenhado nas lutas sublimes da Verdade.

Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez à vista, mas nunca que falem sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso que muitos são os que gostosamente se entregam ao culto do

maravilhoso; nunca, porém, deixarão as impressões suaves da Verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano.

Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia acontecer, a morte moral do vosso Espírito — a destruição, pela base, do vosso Templo de trabalho!

Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos espíritos um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a Revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos livros profanos, que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Kardec realmente fala da transição da Terra de mundo de expiação para mundo de regeneração e da migração de Espíritos refratários para mundos menos adiantados. Mas:

1. Ele evita **todo tom apocalíptico** de “revolução planetária iminente” para assustar.
2. Ele não **amarra** esse processo a nenhum “templo”, nem a um “movimento” dirigido por um Espírito particular.
3. Ele insiste em que tudo se faz por leis gerais, sem milagre, sem privilégio, sem clero.

Aqui, a mesma ideia geral (transição, migração) é apropriada como **recurso retórico de urgência** a serviço do templo de Ismael: se você não se alinhar com a Fraternidade, com esse “trabalho extraordinário”, corre risco de estar entre os “transmigrados”.

Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se, à lâmpada do vosso Espírito, faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada do Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos

ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso Rei, por que não tomam os vossos Espíritos as roupagens dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo consórcio do Cristo com o seu povo?

Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que, últimos, virão a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina?

A parábola evangélica é usada de modo **exclusivista e invertido**: quem não entrar na “tenda” perde o lugar; os “coxos e estropiados” (os de fora) é que o ocuparão. O subtexto é: **não percam o privilégio** de estar no grupo “certo” (Fraternidade sob Ismael). Em Kardec, a mesma parábola serve para mostrar que os “primeiros” (privilegiados, instruídos, ortodoxos) podem ser os últimos, mas sempre num sentido moral, nunca institucional (“entrar no templo de tal guia”).

Esses pontos do Evangelho de Jesus-Cristo, apesar da Revelação, ainda não provocaram a vossa meditação?

Esse eco que reboia por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — Os tempos são chegados! — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos espíritos?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens sob o aspecto de homens cheios de ambições, que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e satisfação das paixões do mundo?

Mas seria simplesmente uma obcecação do Espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar, no reino de Deus, coberto dessas paixões e dessas misérias humanas!

Isso equivaleria não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis crer; seria

zombar do vosso Criador que, não exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões!

Meus amigos! Sem caridade não há salvação — sem fraternidade não pode haver união.

*Uni-vos, pois, pela fraternidade, **debaixo das vistas do bom Ismael**, vosso Guia e Protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto, àqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem-intencionado e verdadeiramente cristão.*

A frase condensa o núcleo ideológico do texto:

1. A união não é apenas em torno de princípios (como Kardec propõe), mas **“debaixo das vistas”** de um Guia, com G maiúsculo.
2. Esse Guia é “vosso”, nacional/regional.
3. A figura do **“Protetor”** é centralizada e personalista.

Kardec aceita a ideia de Espíritos protetores individuais e coletivos, mas **nunca** os transforma em **autoridade normativa** sobre a doutrina. A proteção é íntima, moral, silenciosa; não se traduz em revelações exclusivas, bandeiras, templos com nome do Espírito, nem em monopólio de direção.

Perguntas:

1. **Por que você coloca um Espírito — Ismael — acima da metodologia da Codificação, se Kardec nunca atribuiu autoridade diretora a um Espírito isolado?**
2. **Que justificativa doutrinária legitima subordinação espiritual a um Espírito específico?**
3. **Se Kardec defende independência crítica, como explicar essa ordem de submissão?**

Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso

seio maior número de adeptos, direi — se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliárias e a expansão dos fluidos — ai tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos — virei, em novos termos, se preciso for, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da Doutrina — é o maior escolho lançado no vosso caminho — é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante — será, finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar-vos com o critério exigível de quantos se empenham numa tão grande causa.

Fechamento típico de Espírito que se propõe como **oráculo permanente**. Em termos de crítica espírita:

- Cria-se dependência psicológica do médium/grupo em relação a esse comunicante.
- Desestimula-se o **controle universal** (confrontar comunicações, procurar outras fontes independentes) porque “ele” está sempre disponível para esclarecer.

No método kardeciano, um Espírito sério:

- estimula a dúvida metódica;
- convida ao exame racional e à comparação;
- evita se colocar como fonte única de esclarecimento.

Aqui ocorre o oposto.

Permita Deus que os espíritas a quem falo, que os homens a quem foi dada a graça de conhecer em espírito e verdade a Doutrina do Cristo, tenham a boa-vontade de me compreender — a boa-vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.

Allan Kardec

O texto inteiro desloca o Espiritismo de **ciência filosófico-moral de revelação coletiva** para um **sistema religioso messiânico** centrado em:

- um Guia nacional nomeado (Ismael),
- um templo/bandeira/lema específicos,
- um grupo institucional (“Fraternidade”) apresentado como núcleo eleito.

Vários trechos configuram exatamente aquilo que Kardec descreve como sinais de **mistificação e fascinação**: Espírito que se declara único, que reclama obediência, que sacraliza a própria palavra, que se coloca no centro da revelação numa região do planeta.

Pontos parcialmente verdadeiros (necessidade de estudo, disciplina, seriedade mediúnica, perigo da dispersão) são usados como **gancho** para legitimar a solução sectária: a centralização sob Ismael e sob a “Fraternidade”.

A retórica é fortemente religiosa, emocional, com traços milenaristas, em contraste com o estilo racional, analítico e metódico de Kardec. Mesmo quando toca temas caros ao Espiritismo (transição planetária, migração de Espíritos, importância do Evangelho), o faz dentro de um molde **confessional**, não **científico-filosófico**.

O Livro em questão – A Prece Segundo o Evangelho, atribuído ao Espírito de Allan Kardec – termina assim:

A Casa de Ismael

*A Federação Espírita Brasileira é uma sociedade civil **religiosa**, educacional, cultural e filantrópica, dotada de personalidade jurídica e reconhecida como de Utilidade Pública Federal, Estadual (RJ) e no Distrito Federal (DF), conforme os seguintes decretos: nº 47.695/1960, nº 4.765/1934 e nº 7.399/1983, respectivamente.*

Tem por objeto e fins:

- o estudo teórico e prático do Espiritismo;*
- a observância e a difusão de seus ensinamentos;*
- a prática da caridade espiritual, moral e material;*
- e, por fim, a integração das Sociedades Espíritas do Brasil em seu organismo.*

Compete ao seu Conselho Federativo Nacional desenvolver, ampliar e coordenar os planos da Organização Federativa, visando alcançar completa harmonia de pensamento, bem como unidade de programa e de ação.

A Federação [que não é] Espírita Brasileira, de maneira incrivelmente hipócrita, ainda hoje ostenta, com orgulho, o título de “Casa de Ismael”. Realmente, esse Espírito mistificador fez casa nesse “Vaticano” do Movimento [que não é] Espírita Brasileiro. Declara-se como sociedade civil religiosa, provocando desvio de finalidade do Espiritismo e, com muita hipocrisia, diz observar a difusão de seus ensinamentos, enquanto, na prática, passou os últimos **130 anos** contrariando-os paulatinamente. O motivo do presente artigo, aliás, se deu por conta da publicação recente de um vídeo na conta da FEB Editora, divulgando a falsa ideia de que essa comunicação acima analisada seria de Kardec, incitando à unificação, projeto perseguido pelo Vaticano Espiritualista Brasileiro (vulgo FEB) desde 1890, aproximadamente (como já demonstramos no [artigo sobre os desvios da FEB](#)).

Cabe a **todos** os Espíritas verdadeiros defenderem a verdade sobre o Espiritismo e demonstrarem a **todos** esses desvios – a tentativa de substituir o Consolador Prometido por uma versão religiosa, dogmática, ridícula e antidoutrinária!

O Espiritismo é obra de Jesus

Há tempos vinha aguardando essa obra, sem saber ao certo o que esperar. Ante a notícia de que os autores voltaram a Espíritos como André Luiz e Emmanuel, muitos se contorceram internamente e previamente julgaram a obra que ainda não conheciam.

PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO
E OUTROS AUTORES

O ESPIRITISMO É OBRA DE JESUS



Tendo terminado de lê-la — tarefa que, honestamente, terei que voltar a fazer,

com ainda mais atenção — preciso dizer que ela só pode refletir a elevação do título que leva. Longe de ser uma afronta à razão, é produto de inteligência e inspiração. Resgata a metodologia espírita, demonstra o verdadeiro papel de Kardec, hoje esquecido e desvalorizado pelos próprios espíritas, e torna-se ponte para esse Movimento Espírita ora instalado, para a retomada do verdadeiro Espiritismo. Sem ferir suscetibilidades, a obra demonstra, de maneira excelente, que não estivemos abandonados e que, voltando a Kardec, facilmente separaremos, com firmeza, o que é aproveitável do que não é — como os próprios autores o fizeram. **Longe de render perseguição ou criticismo, creio que devemos estimular a leitura dessa obra, respeitando o tempo e a liberdade de cada um que a ler.** Novamente: creio que ela deve ser vista como ponte segura para a terra firme da verdade doutrinária.

Não consigo ir muito além disso, pois penso que a importância da obra requer a leitura dedicada de todos que se importem com a temática espírita. O título da obra e o fato da demonstração que há, sim, em André Luiz e Emmanuel, muito o que se aproveitar, há de chamar a atenção de muitos. A obra também traz muitos ensinamentos e muita reflexão, chegando a ser, ao menos para mim, intensamente emocionante.

Termino agradecendo ao esforço e ao empenho, cujo pagamento inexistente, senão o da felicidade de fazer o bem, a Paulo Henrique de Figueiredo e todos os demais envolvidos nesse trabalho. Graças a Deus, os tempos do restabelecimento são chegados, onde cada um de nós poderá encontrar grata compensação na tarefa da recolocação dos tijolos do edifício que vem sendo construído **há mais de dois mil anos**, por Espíritos consagrados ao bem. Graças a Deus!

Caso você queira comprar pelo link seguinte, apoiará também o nosso esforço:
<https://amzn.to/49QFaxs>

Comunicação

Espiritual,

Autoridade Eclesiástica e Contradição Doutrinária: uma leitura crítica do “Manuscrito do Purgatório”

A obra conhecida como “**Manuscrito do Purgatório**” ocupa um lugar particular dentro da literatura católica de natureza mística. Sua narrativa descreve um intercâmbio contínuo entre a religiosa **Irmã M. d. I. C.** e o espírito da falecida **Irmã M. G.**, cuja voz, segundo o relato, instrui, admoesta, esclarece e comenta sua própria condição no estado pós-morte, ao longo de anos. O texto, ao ser avaliado e declarado livre de erro doutrinário por teólogos e autoridades eclesiásticas, adquire valor espiritual e disciplinar interno.

Esse reconhecimento institucional, no entanto, expõe um dilema teológico e disciplinar. A **doutrina católica oficial nega a possibilidade de comunicação espontânea e habitual entre vivos e mortos**, permitindo-a apenas sob o regime de um milagre excepcional e com finalidades estritamente delimitadas. Em termos catequéticos, trata-se de um **evento extraordinário, não de uma lei natural**, e qualquer tentativa humana de evocação direta deve ser rejeitada, associando-a tradicionalmente à superstição ou ao demônio.

Entretanto, o conteúdo narrativo do livro contradiz essa formulação. Não há fenomenologia episódica. Há continuidade, instrução progressiva, detalhamento do estado espiritual da comunicante, e regularidade temporal. Em resumo, **há mediunidade**, independentemente da nomenclatura devocional aplicada. Logo, a obra apresenta uma tensão irreconciliável entre **a formulação dogmática declarada e a prática espiritual descrita**.

A estratégia de exceção permanente

Para resolver esse conflito, a obra mobiliza um expediente retórico: qualifica o fenômeno como um “privilegio”, uma “visita permitida por Deus”, e portanto **não como comunicação mediúnica natural**, mas como “graça mística singular”. Esse deslocamento semântico não altera a natureza do fenômeno; apenas o

protege institucionalmente.

Trata-se do mesmo mecanismo histórico utilizado para justificar as experiências visionárias de místicos católicos — seja Catarina de Siena, Teresa d'Ávila ou o Cura d'Ars —: quando ocorre sob tutela eclesiástica, **o diálogo com o além é “milagre”**; quando ocorre fora dela, **é “ilusão”, “heresias”, “espiritismo” ou “ação demoníaca”**. O critério não é ontológico nem moral — é **jurisdicional**.

A lei natural versus o privilégio teológico

O contraste com a perspectiva metodológica espírita é instrutivo. Allan Kardec não define o fenômeno como concessão mística, mas como lei da natureza espiritual: **os espíritos comunicam porque vivem, pensam, lembram e habitam outra dimensão da realidade, e não por serem invocados em regime de exceção milagrosa**. A abordagem kardeciana exige:

- observação sistemática
- crítica e comparação das mensagens
- universalidade do ensino
- controle de mistificação
- ausência de autoridade pessoal como critério de verdade

Já o manuscrito católico recorre ao critério inverso: **autoridade eclesial = legitimidade; ausência de autoridade eclesial = suspeição demoníaca**. Não há metodologia; há **ratificação hierárquica**. O fenômeno é idêntico — apenas a estrutura de validação difere.

A contradição interna irreversível

Se, conforme o dogma, a comunicação espiritual verdadeira é raríssima e sempre extraordinária, como justificar **uma comunicação registrada ao longo de mais de uma década**, com frequência regular e detalhamento progressivo? Uma exceção com permanência temporal deixa de ser exceção e assume a forma de **norma empírica**. O manuscrito, portanto, **não confirma o dogma católico — ele o viola pela prática**.

O texto pretende defender a ortodoxia; porém, ao documentar com naturalidade

um processo de intercâmbio espiritual, revela inadvertidamente **a insuficiência da proibição e a artificialidade do “milagre restrito” como mecanismo disciplinar.**

Conclusão

O “Manuscrito do Purgatório” funciona como testemunho involuntário da viabilidade e continuidade do diálogo entre os dois planos da existência — justamente aquilo que a doutrina católica sustenta ser impossível fora de exceções miraculosas. A obra não demonstra a fragilidade do fenômeno espiritual, mas sim a fragilidade do **regime de controle discursivo sobre o fenômeno**. A contradição não reside no fato espiritual — reside **na tentativa institucional de monopolizá-lo**.

O manuscrito, ao invés de negar a mediunidade, a confirma — apenas muda seu nome para preservá-la no terreno da exclusividade clerical. O que se prova, assim, não é a inviabilidade do intercâmbio espirituais, mas o esforço histórico da Igreja para **administrar o acesso ao invisível**, e não para negá-lo em sua essência.

Ciência além do Empirismo: Modelos, Critérios e o Caso do Espiritismo

O Espiritismo, codificado por Allan Kardec no século XIX, desafia a visão tradicional da ciência ao propor uma investigação rigorosa de fenômenos espirituais. Neste artigo, exploramos como os métodos de Kardec se alinham com modelos contemporâneos de ciência, como o empirismo e o método hipotético-dedutivo. Através de uma análise comparativa, discutimos as compatibilidades e limites do Espiritismo em relação à ciência moderna, revelando que a verdadeira divergência reside nas premissas ontológicas. Venha descobrir como o

Espiritismo pode ser visto como um programa de pesquisa inovador e suas implicações para o entendimento da realidade espiritual.

Análise Crítica do Artigo “A Evolução do Espírito”: Erros Conceituais, Falhas Metodológicas e Distorções sobre Allan Kardec e o Espiritismo

Introdução

O [artigo de Heron Volpi](#) (“A EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO: O “Evolucionismo” de Allan Kardec”) assume desde o início que o Espiritismo é “uma religião” sujeita às mesmas críticas que outras crenças tradicionais. Essa premissa ignora a definição kardecista original do Espiritismo como **doutrina de tríplice aspecto** – ciência, filosofia e moral – e já põe em xeque sua argumentação. Volpi sustenta que Allan Kardec foi “reiteradamente racista” e que incorporou o *evolucionismo racial* para agradar à ciência do século XIX. A partir desses pontos, desenvolveremos uma análise crítica estruturada, apontando erros conceituais, falhas metodológicas e contradições nas alegações de Volpi. Usaremos **apenas obras de Kardec** para confrontar as acusações de racismo, mostrando que seus ensinamentos enfatizam igualdade, fraternidade e condenam o preconceito e a escravidão.

Espiritismo como Ciência e Moral (não

mera religião)

Premissa equivocada do autor. Volpi define repetidamente o Espiritismo como “religião espírita” e argumenta que ele “aparece muito mais baseado no discurso do que na ciência empírica”. Essa visão despreza declarações de Kardec de que o Espiritismo é **novo campo do conhecimento**. Nas obras fundadoras, Kardec apresenta o Espiritismo como **ciência de observação e doutrina filosófica**, com implicações morais próprias:

- “O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas mesmas relações.”
- Kardec reafirma: “O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens [...] a existência e a natureza do mundo espiritual”.

Doutrina moral universalista. Além da ciência, Kardec sublinha o caráter **moral e ecumênico** do Espiritismo:

- “O Espiritismo é uma doutrina moral que fortifica os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões. Ele é de todas, e não é de nenhuma em particular. [...] Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira”.

Esses textos deixam claro que Kardec não via o Espiritismo como uma religião dogmática, mas como um caminho complementar à fé cristã, reforçando a caridade e a liberdade de culto. Portanto, classificar o Espiritismo ****“como qualquer outra religião”**** constitui um erro conceitual: o autor desconsidera o tríplice aspecto definidor da Doutrina Espírita e ignora as frequentes afirmações kardecistas de que ela se justifica pela razão e pela experiência, não por imposição de fé.

Falhas metodológicas e uso inconsistente

de fontes

O artigo de Volpi se apresenta mais como reflexão pessoal do que pesquisa acadêmica rigorosa. O próprio autor admite ter escrito em **primeira pessoa**, baseando-se em vivências próprias em centros espíritas:

- “Para começar devo esclarecer que eu, pessoalmente, tenho circulação por diversos centros espíritas do Brasil [...] escrevo esse texto tentando compreender os espaços, os quais eu mesmo faço parte”.

Essa abordagem indica forte **subjetividade**. Não há metodologia sistemática: ele confessa que sua “pesquisa de fôlego curto” reúne relatos pessoais e falas soltas. Ao mesmo tempo, mistura fontes de natureza variada (blogs, reportagens como as de Chico Alves e CartaCapital, entrevista de UOL) sem critério histórico claro. Não encontramos citações diretas a documentos históricos ou a estudos acadêmicos confiáveis que embasem suas conclusões. Em síntese, **falta-lhe rigor científico**: ele inicia o artigo como etnógrafo amador e transforma-o num ensaio de opinião. Esse procedimento frágil revela-se no próprio texto final: ele reconhece que, por não ser pesquisa longa, deve “ter cuidado com asserções generalistas” – o que, porém, não evita afirmações amplas e contestáveis.

Erros conceituais centrais

- **Visão eurocêntrica e evolucionista mal fundamentada.** Volpi insiste que Kardec “alocou o evolucionismo racial em seu discurso” e tratou o Espiritismo como “para um lugar paratópico” de crença baseada no discurso. Essa interpretação ignora que, nas obras espíritas, idéias de “evolução” referem-se ao progresso moral geral, não a uma hierarquia fixa de raças. Kardec discute como o homem original apareceu em vários pontos do globo, mas enfatiza que tais “variedades não formam espécies diferentes: *todos são da mesma família*”. Para ele, as diferenças físicas (cor da pele etc.) resultam de fatores naturais (clima, costumes) e não implicam mérito espiritual. Assim, a noção de *espécie humana* única embasa toda a codificação (cf. perguntas 53 e 54 de *LE*): “Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem

para o mesmo fim”. Esses princípios contrariam frontalmente a ideia de “raças superiores” permanentes.

- **Desconsideração do foco moral do Espiritismo.** Kardec faz questão de que o intuito principal da Doutrina é moralizar, não classificar ou excluir pessoas. O ensino do “Não faças aos outros o que não queres para ti” está presente no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* como máxima reguladora da conduta humana. Além disso, ele afirma que o Espiritismo visa **“incutir nos homens o espírito de caridade e de fraternidade”** e assim apagar os resquícios de barbárie social. Esses posicionamentos indicam uma orientação profundamente igualitária, oposta à discriminação. Desse modo, retratar o Espiritismo “como qualquer outra religião” baseada em discurso vazio é um exagero infundado: a doutrina espírita reivindica coerência entre pensamento, experiência e moral, não se limitando à retórica apologética.

Alegações de racismo: teses do autor versus contexto kardecista

Volpi afirma que em “diversas vezes” Kardec foi racista e que seu Espiritismo teria discursos racistas enraizados no *evolucionismo* das ciências do século XIX. De fato, em 1862 Kardec publicou na *Revista Espírita* o artigo “*Frenologia espírita e perfectibilidade da raça negra*”, no qual, reflexo das crenças de sua época, diz que “os negros são, sem dúvida, de uma raça inferior... são verdadeiras crianças”. Porém, esse texto, que reflete a ciência da época, foi separado de seu corpus principal e não reflete o ensino axiológico do Espiritismo. Ao contrário, as principais obras codificadas por Kardec contêm **mensagens claras de igualdade**:

- **Igualdade diante das leis divinas:** A resposta espírita à pergunta “Todos os seres humanos são iguais perante Deus?” é enfática: “Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos”. Em outras palavras, Deus não criou ninguém com privilégios “naturais”, pois **“o corpo do rico se destrói como o do pobre”**. Essa resposta (LE 803) destrói a ideia de qualquer desigualdade essencial.
- **Hermanidade universal:** Kardec questiona se, não tendo todos os

homens surgido de um mesmo “adão”, deveríamos deixar de ser irmãos. A resposta foi: **“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim”**. Essa afirmação (LE 54) conclui que aparências distintas não quebram os laços fraternos: do ponto de vista moral, a humanidade é uma única família.

- **Condenação da escravidão:** O codificador espírita analisa a escravidão em vários itens (LE 829-832). Ele conclui que **“É contrária à natureza a lei humana que consagra a escravidão”** e que ela desaparecerá com o progresso moral. Critica quem se beneficia dessa prática: **“Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza”**. Ou seja, Kardec considerava moralmente reprovável escravizar o semelhante, mais ainda quando a própria lei da época já começava a ver a liberdade como inalienável.
- **Rejeição da hierarquia racial:** Kardec ironiza a noção de “sangue mais puro” no contexto da escravidão: **“Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! Nada veem senão a matéria. Mais ou menos puro não é o sangue, porém o Espírito.”**. Aqui ele deixa explícito que a única “pureza” relevante é espiritual, não biológica. Essa afirmação refuta diretamente a ideia de que a cor da pele constitua critério moral ou evolutivo legítimo.
- **Respostas espíritas sobre origem humana:** Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec transcreve perguntas às Entidades Superiores sobre a diversidade humana. As respostas atribuem as diferenças de aspecto aos fatores naturais (“clima, vida e costumes”) e afirmam que elas não formam espécies distintas. Os Espíritos confirmam que o homem apareceu em vários lugares e épocas, mas sem significar raças separadas. Isso reforça que, para o pensamento espírita, a multiplicidade de grupos étnicos é só aparência transitória – jamais justificativa de preconceito.

Esses ensinamentos centrais das obras de Kardec são **incoerentes com as acusações de racismo** que Volpi lhe imputa. Mesmo reconhecendo que Kardec refletiu conceitos científicos questionáveis do século XIX (como a frenologia), deve-se sublinhar que sua doutrina oficial exalta a fraternidade universal. Em diversas ocasiões, ele rejeita o preconceito: além dos exemplos citados acima, Kardec afirma repetidamente a máxima evangélica do amor ao próximo. Não encontramos em seus livros qualquer passagem que justifique discriminar alguém

por raça ou cor. Pelo contrário, “a unidade da raça humana” é um princípio espírita explícito (LE 54).

Conclusão: análise crítica e suporte acadêmico

Em suma, o artigo de Volpi apresenta graves falhas conceituais e metodológicas. Desconsidera a definição kardecista de Espiritismo como sistema científico-filosófico-moral e restringe-o à categoria de “religião”, ignorando que Kardec visava unificar ciência e fé, não contrariá-las. Sua argumentação sobre racismo em Kardec baseia-se em interpretações pessoais e textos pontuais, mas esbarra em declarações claras de Kardec a favor da **igualdade entre os seres humanos**, na condenação da escravidão e no incentivo à fraternidade universal.

Não há respaldo acadêmico significativo para as teses do autor. Em vez de pesquisas históricas ou análises críticas rigorosas, Volpi utiliza relatos não verificáveis, falas secundárias e reportagens jornalísticas recentes. Seus próprios critérios — circulação pessoal em centros espíritas e relatos subjetivos — não constituem evidência científica. Até o momento, nenhum estudo acadêmico sério confirma as alegações centrais do artigo. Ao contrário, as críticas a Kardec surgem mais em debates midiáticos e iniciativas editoriais antirracistas do que em investigações historiográficas. Portanto, as conclusões de Volpi têm muito mais o caráter de impressão pessoal do que de resultado de estudo acadêmico, o que fragiliza sua credibilidade como análise histórica do Espiritismo.

Referências: Citações extraídas das obras de Allan Kardec e de trecho do artigo de Heron Volpi conforme indicado. Nossa argumentação apoia-se nas respostas dos Espíritos codificadas por Kardec – sobretudo *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Médiuns* – que enfatizam a igualdade espiritual e condenam toda forma de opressão. Essas fontes refutam diretamente as interpretações equivocadas do autor.